

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O SISTEMA INDUSTRIAL LOCALIZADO CALÇADISTA DE FRANCA (SP) E O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E TERRITORIAL¹

José Eudázio Honório Sampaio²

Resumo: As alterações oriundas do processo de reestruturação produtiva e territorial, em curso nas últimas décadas, impactaram diretamente na organização produtiva e nas relações trabalho. As mudanças foram sentidas não só nos novos espaços selecionados para extração de maiores taxas de lucratividades, mas também, em tradicionais aglomerados produtivos, que passaram a fazer uso de inúmeras estratégias de produção flexíveis, a partir de reengenharias produtivas, realocação de atividades industriais, externalização produtiva e desintegração vertical. Neste sentido, este artigo, busca compreender como a nova organização produtiva e territorial impacta nas relações de trabalho e na produção do Sistema Industrial Localizado calçadista de Franca.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva e territorial. Sistema Industrial Localizado. Indústria calçadista.

1 Introdução

O processo de reestruturação produtiva e territorial apresentaram reflexos diretos das transformações do último quartel do século XX. No Brasil, estas dinâmicas foram intensificadas a partir de 1990, momento da abertura irrestrita ao mercado internacional, onde a competitividade das empresas foi acirrada, em que foram redefinidas linhas de produção nas fábricas, reorganização do uso do território e do papel dos agentes envolvidos na organização produtiva industrial.

No âmbito da indústria de calçados, um novo mapa produtivo foi estabelecido, por meio da disjunção funcional das atividades. Esta conformação impactou diretamente nas

¹ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Reestruturação territorial e produtiva da indústria de calçados no Brasil”, financiados pelo Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob coordenação do Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia (ProPGeo) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui Bacharelado em Geografia pela mesma instituição. Vinculado ao Laboratório de Estudos do Território e da Urbanização (LETUr). E-mail: eudazio.sampaio@aluno.uece.br.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



relações de trabalho e na configuração espacial de regiões industrialmente consolidadas. Por este motivo, o Sistema Industrial Localizado (SIL) de Franca, o maior produtor de calçados masculinos de couro do Brasil, com origens em meados do século XIX e consolidado na década de 1970, enfrentou, desde então, fortes alterações.

Desta forma, buscamos compreender como a nova organização produtiva e territorial da produção de calçados de Franca, nos últimos vinte e cinco anos, impacta nas relações de trabalho e na produção. Para isso, elaboramos algumas indagações: como se organiza territorialmente a produção calçadista em Franca? Como passou se organizar o SIL de Franca com a instauração dos processos de reestruturação produtiva e territorial? Quais os impactos na organização da produção? Os trabalhadores e suas novas funções são precarizadas?

A metodologia utilizada na investigação se baseia na compreensão das relações estabelecidas na produção de calçados de Franca. Para isso, realizamos levantamento bibliográfico e documental, com temas de interesse à pesquisa (processos de reestruturação produtiva e territorial, os sistemas industriais localizados, a organização produtiva e as relações de trabalho, além dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação); elaboração de hemerotecas temáticas (a partir de algumas palavras-chave, como indústria de calçados, sindifranca, calçados de couro); levantamento estatístico nas bases de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS); e, trabalho de campo, etapa essencial na consolidação da pesquisa, uma vez que, foi possível compreender as novas relações produtivas e os impactos no trabalho, a partir destas dinâmicas.

Assim, a análise realizada a partir do estudo da reorganização produtiva de um sistema industrial localizado, representa uma contribuição para a investigação das transformações que perpassam o território, no momento em que é possível refletir sobre as novas relações estabelecidas entre agentes e ações em múltiplas escalas. Acreditamos que tais alterações perpassam a reestruturação do espaço industrial e do processo de produção nas fábricas e a precarização do trabalho, com articulação com novas dinâmicas globais, possibilitando leituras atuais de múltiplos processos.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



2 O processo de Reestruturação Produtiva e Territorial e os impactos sobre os Sistemas Industriais Localizados

As transformações políticas e econômicas ocorridas no Brasil sob a pragmática neoliberal, foram marcadas por uma onda de desregulamentação e alterações no plano da organização sociotécnica da produção. Mediante a reconfiguração recente do capitalismo, marcado pela mundialização, transnacionalização e financeirização dos capitais, houve junção de elementos, tanto de descontinuidades como de continuidades, que reconfigurou o universo produtivo, industrial e de serviços (ANTUNES, 2004).

Neste sentido, Pereira Júnior (2015) ressalta que a reestruturação ocorreu primeiramente no âmbito produtivo, por haver a incorporação de conquistas gerenciais e tecnológicas, sobretudo as novas formas flexíveis de mecanização e controle efetivo sobre a produção e o trabalho. Posteriormente, as estratégias foram territoriais, graças às possibilidades de fragmentar a produção no espaço geográfico, quando os planos de engenharia superaram a variável distância, aproveitando vantagens regionais e locais, eliminando problemas como, pressão sindical, ociosidade de estoques, máquinas e componentes.

Segundo Antunes (2004), a partir de 1994, após a instauração e consolidação do Plano Real, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, passaram a ser implementados nas empresas, os programas de qualidade total, o sistema *just-in-time* e Kanban, além da introdução dos ganhos salariais vinculados à lucratividade e à produtividade das firmas. As consequências para o processo produtivo foram a liofilização organizacional e o enxugamento das fábricas.

Na busca pela redução dos custos produtivos, a primeira medida foi a redução de trabalhadores em linhas de produção. Ocorreu a adoção de propostas como os Círculos de Controle de Qualidade (CCQs); a difusão de equipamentos e a introdução da microeletrônica no processo produtivo; além de uma maior flexibilização a partir de redução de plantas e de

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



novas formas de gestão do trabalho. De tal forma, um rebatimento imediato na sociedade foi sentido, especificamente no mundo do trabalho e na classe trabalhadora. Isso não significa que houve sobreposição de estruturas, em que as existentes foram substituídas, mas uma combinação entre novas e velhas formas de contratação e organização das tarefas.

Temos, assim, a evidência da crise estrutural do capital, através do dilaceramento intrínseco à forma-mercadoria, que explicita a contradição entre valor de troca e valor de uso, ligado à captura da subjetividade do trabalho. Uma crise do trabalho abstrato, no qual duas determinações são cruciais: a substituição progressiva de trabalho vivo por trabalho morto; e a constituição de um novo saber, ligado às atividades do capitalismo tardio (ALVES, 2007).

Estas transformações impactam nos espaços escolhidos para compor novos espaços produtivos, como a Região Nordeste, porém, assolam tradicionais aglomerados produtivos³. Neste sentido, destacamos o papel destes últimos, marcados pelo desenvolvimento endógeno e articulação regional que, com a crise do fordismo e o estabelecimento de uma nova divisão espacial e territorial do trabalho, passaram a fazer uso de estratégias bem específicas para manutenção de suas atividades.

Assim, embora o termo Arranjo Produtivo Local (APL), tenha maior relevância e divulgação no Brasil, Suzigan et. al. (2004) destacam que os sistemas locais de produção existentes no Brasil desenvolveram de forma limitada os mecanismos de cooperação. Isso é um problema, pois tal habilidade se constituiu na base dessas configurações em outros países, sobretudo na Itália, na Alemanha e na França.

Pereira Júnior (2012) ao trabalhar a realidade desses aglomerados no estado do Ceará, atesta a inadequação do conceito de Arranjo Produtivo Local para as experiências investigadas. Em função da desarticulação entre agentes e pela presença insignificante do elemento cooperação na “engrenagem” dos arranjos. E a ideia mais adequada seria a de Sistemas Industriais Localizados (SILs).

³ Os agrupamentos empresariais territorializados, recebem diversas nomenclaturas, todas elas indicando um fenômeno com características parecidas, embora os conceitos trabalhados ora atendem para sutis diferenças entre os aglomerados. Falam-se de distritos industriais, clusters, arranjo produtivo local, meio inovador, sistemas produtivos locais, sistemas industriais localizados, entre outros.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Como destaca Reis (2004), os SILs, são resultados de um aglomerado regional ou local de empresas concentradas em torno de um ou vários gêneros industriais, com ou sem cooperação produtiva e comercial. Nesses são expressivas as relações de vida local e de produção industrial com padrões de organização ligados aos referenciais localizados de acumulação. No entanto, o que os tornam diferentes dos APLs, é exatamente a falta de uma convergência em termos de desenvolvimento. Assim, mesmo aproveitando amenidades territorialmente tecidas, não há cooperação entre os agentes.

Como aponta Reis (2006), um dado sistema localizado não pode ser controlado exclusivamente pela dinâmica ou pelos agentes da globalização. É preciso haver mecanismos internos de coordenação do sistema, que deem uma resposta satisfatória aos desafios que os agentes locais irão enfrentar. Da mesma maneira, os SILs precisam ter acesso aos fluxos externos, sejam tecnológicos ou de mercado, e ao movimento que ocorre fora da região, para não se fragilizarem por limitações endógenas, isto é, precisam estar postos como mediação entre os efeitos da globalização e as dinâmicas em escala local/regional.

Vejamos como as dinâmicas ligadas à reestruturação produtiva e territorial modificaram as relações de produção e de trabalho do Sistema Industrial Localizado calçadista de Franca (SP).

3 Relações produtivas e de trabalho na nova configuração de um aglomerado produtivo: o caso de Franca (SP)

Na indústria de calçados, como destaca Navarro (2006), todas as mudanças exacerbaram a precarização do trabalho, sobretudo pelo gênero concentrar baixo índice de mecanização e contratar muita mão de obra barata e, em boa medida, especializada. As principais mudanças também incorreram na redução do número de postos de trabalho nas fábricas, sobretudo nas grandes empresas, que externalizaram etapas produtivas. Intensificou-se a informalidade daqueles trabalhadores que realizavam tarefas auxiliares e as técnicas de trabalho em grupo ou em células de produção, com reagrupamento e rotação de tarefas, se ampliaram nas fábricas.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O SIL calçadista de Franca, assim como todo o setor industrial nacional, apresentou, desde seus primórdios grande vulnerabilidade às crises econômicas mundiais. A partir de 1990 a inserção de inúmeras estratégias de externalização, disjunção funcional, com intermédio principal da subcontratação de produção e serviços, isto é, a terceirização de etapas produtivas, ganhou força.

Como ressalta Braga Filho (2000), as empresas francanas promoveriam uma flexibilização interna, no momento em que a produção passou a ser cada vez menos verticalizada, com uma estrutura mais leve e enxuta, aumentando a produtividade ao mesmo tempo em que reduziu os custos com força de trabalho. Da mesma forma, uma flexibilização externa da produção, uma vez que etapas inteiras foram transferidas para outras empresas. Isto significou um crescimento da terceirização, sobretudo em empresas de menor porte, modificando radicalmente a organização tradicional.

Como aponta Lara (2007), as empresas que não faliram, tiveram de criar novas estratégias de sobrevivência, uma vez que suas antigas estruturas de produção não mais davam conta das exigências competitivas do setor. Com o fechamento das maiores empresas, exportadoras, a produção tendeu a ser direcionada para o mercado interno, que passou a ser defendido, em parte, pela sobretaxação dos calçados chineses no país⁴.

A maior parte das empresas de Franca possui capital local, com forte característica patrimonialista e familiar, assim, foram poucas empresas que realizaram a realocação industrial para outros estados, entre elas, destacamos Democrata S.A, Sapatoterapia e Rafarillo (com fábricas no Ceará) e, FreeWay e Ferracini (com fábricas na Bahia). Tais empresas realocaram etapas produtivas, mediante a guerra dos lugares (SANTOS, 2004), em que determinados estados passaram a atrair investimentos industriais, ao oferecerem uma série de vantagens, como incentivos fiscais, infraestrutura, contingente de mão de obra mais barato e baixa mobilização sindical, mantendo em Franca suas etapas de comando e gestão.

⁴ Há uma tendência similar em todo o estado de São Paulo, na diminuição de grandes e médios estabelecimentos industriais e seus respectivos contingentes de emprego, enquanto crescem os pequenos e micros (BRASIL, Rais/Caged, 2016).

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A maior parte das empresas, por não ter condições de realizar o deslocamento, resolveu manter a produção na cidade de Franca, terceirizando etapas da produção para empresas menores, bancas, fabriquetas em fundo de quintal, ou ainda no trabalho domiciliar e informal. No geral, essas novas bancas são abertas por ex-funcionários de grandes empresas, demitidos durante as crises crônicas⁵.

Entre as etapas que mais são terceirizadas, podemos destacar o pesponto (tipo de costura realizada em calçados de couro) e o corte, as que mais possuem mão de obra empregada e, portanto, mais onerosas à produção. Assim, anteriormente, seguindo preceitos tayloristas/fordistas, a maior parte da produção que tendia a se agregar dentro da grande planta industrial passa a ser direcionada às bancas de pesponto, para manter a produtividade, diminuindo custos e aumentando a lucratividade.

Mas, nos últimos anos, há uma tendência de terceirização completa da produção.

[...] Ah, Samello não existe mais, fechou Samello”. Samello [...] era um barracão grande que concentrava lá 1.500, 1.600 trabalhador, dividiu em 22 empresas na cidade. Samello que era uma grande empresa na época, que concentrava, ela entrou com um pedido de recuperação judicial, essa coisa toda, falou que quebrou, e que não existe mais. [...] Hoje aqui dentro de Franca, Samello produz 12.000 pares de sapato por dia e tem 22 pequenas empresas que fazem o produto da Samello. Ela só tem o barracão e o cara repassa o serviço e só espera os cascalho entrar no final do mês (Informação verbal. Entrevista realizada em Franca. Maio de 2017).

A empresa Sândalo... Nós estamos falando aqui de empresas que eram as maiores marcas [...] são famílias tradicionais. O Sândalo hoje, pode ir lá. Você vai ver o tamanho do prédio, o barracão do Sândalo tá lá fechadinho, mas eles devem produzirem [...] 5 a 7 mil pares por dia. Então, todas as grandes empresas que tinham na cidade de Franca, elas não fecharam, elas se transformaram em pequenas empresas na cidade [...] Quer dizer, a fábrica era oito mil par por dia, hoje fabrica

⁵ A indústria de calçados, por possuir poucas barreiras à entrada, apresenta grande mobilidade espacial por parte dos trabalhadores, que em qualquer oportunidade, ou ao serem demitidos e receberem máquinas como pagamento, montam suas próprias bancas. Esse processo também é conhecido como *Spin off*.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



seiscentos, setecentos par por dia... Não tem estoque, é terceirizado (Informação verbal. Entrevista realizada em Franca. Maio de 2017).

As entrevistas são reveladoras e mostram que no início da terceirização, as principais etapas subcontratadas eram a de corte e de pesponto, utilizadas apenas para serviços que as empresas não conseguiam dar conta dentro da grande planta industrial fordista, a fábrica integrada. Atualmente, entretanto, todas as etapas produtivas podem ser terceirizadas, chegando ao ponto de empresas tradicionais, como Samello e Sândalo, não realizarem nenhuma produção, apenas comercializarem suas marcas, subcontratando todo o serviço, sem manter qualquer estoque⁶.

Esse cenário já se desenhava, desde que, no governo Fernando Henrique Cardoso, a terceirização começou a se difundir a partir da aprovação da lei de terceirização de atividades-fim. Esta lei não foi completamente aprovada na década de 1990, mas abriu precedente para uma série de terceirizações ocorridas em diversos setores da economia brasileira. Na indústria de calçados isso não foi diferente.

O impacto, como foi mostrado, pode ser sentido pela mudança no porte das empresas. Proliferaram-se as micro e pequenas (sem contarmos as informalidades), enquanto as grandes e médias tiveram queda substancial. A diminuição dos salários e a possibilidade de tornar o trabalho e a produção flexíveis são uma realidade no novo mundo da atividade industrial. Desse modo, a produção em massa, estandardizada, com ciclos longos e fluxos massivos, concentrada em um grande estabelecimento com forte inércia espacial, precisou ser redefinida em nome da flexibilidade, não só das máquinas, mas dos seres humanos.

Outra forma de terceirizar a produção se dá pela abertura de empresas menores ou bancas das próprias empresas, que transferem à elas todas as responsabilidades, inclusive trabalhistas. As empresas buscam, através do enxugamento da produção e disjunção funcional, minimizar os custos produtivos. Diminuem os custos com a força de trabalho e os

⁶ Assim, nesta época, o trabalho em domicílio e o direcionamento às bancas começaram, assim como um tipo de repasse do trabalho, uma quarteirização da produção. Com o tempo, essa relação tendeu a apresentar um número crescente de intermediários, ao mesmo tempo em que as relações de trabalho formais entre as trabalhadoras em domicílio e as empresas foram desaparecendo (NAVARRO, 2006).

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



encargos trabalhistas, e não assumem responsabilidade alguma sobre qualquer possível problema que venha a ocorrer. Por esse motivo, é comum que as empresas de Franca tenham como perfil comercial microempresas, todas com capital limitado e nenhuma delas com capital aberto.

Em uma das empresas visitadas durante o trabalho de campo, foi ressaltado o motivo de ter havido a abertura de uma unidade da empresa.

Nós agora resolvemos diminuir a nossa tradição que era manter interno, ter a qualidade na mão, o volume. [...] Quem tem muita gente dentro da fábrica, sente o impacto [...]. Então, com isso, a gente resolveu... Até por espaço físico também, a gente optou por colocar pra fora algumas coisas. Só que cada empresa tem uma estratégia [...] aquilo que precisa, terceiriza, o que não precisa, mantém aqui dentro. Aquilo que me dá mais trabalho, que tem bem menos volume é o artesão em si, que pode ser tanto feito por um casal aqui [Grupo de trabalho], como par por par, lá fora me custando 20% menos, mesmo com toda ineficiência [...] nós ganhamos por tabela de ter o espaço aqui e abrir pra empresa crescer, porque se eu ocupo demais, já hoje aqui com esse monte de gente, eu não tenho onde a indústria nossa crescer, a não ser outro barracão. (Informação verbal. Entrevista realizada em Franca. Maio de 2017).

Como salientado no depoimento, a produção que é direcionada para fora da empresa geralmente é a que requer mais trabalhos manuais e pequenos volumes, que pode ser realizado tanto por grupos de trabalho dentro da fábrica e polivalência de trabalhadores, como por bancas, ou trabalho domiciliar. Da mesma forma, a produção em escala, com grandes volumes, é mantida na empresa. A mescla entre o modo de produção fordista e as práticas flexíveis, em que a produção com esteira em determinadas etapas produtivas, como montagem e acabamento, divide o mesmo ambiente com os grupos de trabalho do pesponto, ou com células de produção do corte e chanfração.

Assim, percebemos que são medidas utilizadas sempre que a empresa busca aumentar a produtividade, diminuir custos, ganhar competitividade e desmobilizar a força

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



sindical. As etapas produtivas são direcionadas para empresas, bancas ou trabalho domiciliar e, em grande quantidade, o trabalho informal por todo o tecido urbano do município.

No Mapa 1, destacamos, a partir de um exemplo empírico⁷, uma articulação da produção calçadista no espaço urbano. O exemplo é de uma empresa formal de Franca, que subcontrata suas atividades de produção para bancas de corte, pesponto e montagem. Percebemos então, a formação de um complexo circuito espacial estabelecido, que articula inúmeras empresas, bancas de diferentes portes e etapas produtivas, assim como trabalhadores informais. Trata-se de uma empresa de pequeno porte, localizada no bairro Jardim Itambé, que subcontrata sua produção em bancas mais distantes de sua localização, especificamente nos bairros Parque Vicente Leporace II e Jardim Tropical II, localizados a noroeste do município.

Mapa 1 – Produção de Calçados da empresa principal realizada por bancas de corte, montagem e pesponto

⁷ Toda a organização do processo produtivo e da relação entre bancas e empresas principais está pautada nas informações coletadas em entrevistas nas Bancas de Corte, Pesponto e Montagem de Franca, realizadas em maio de 2017.

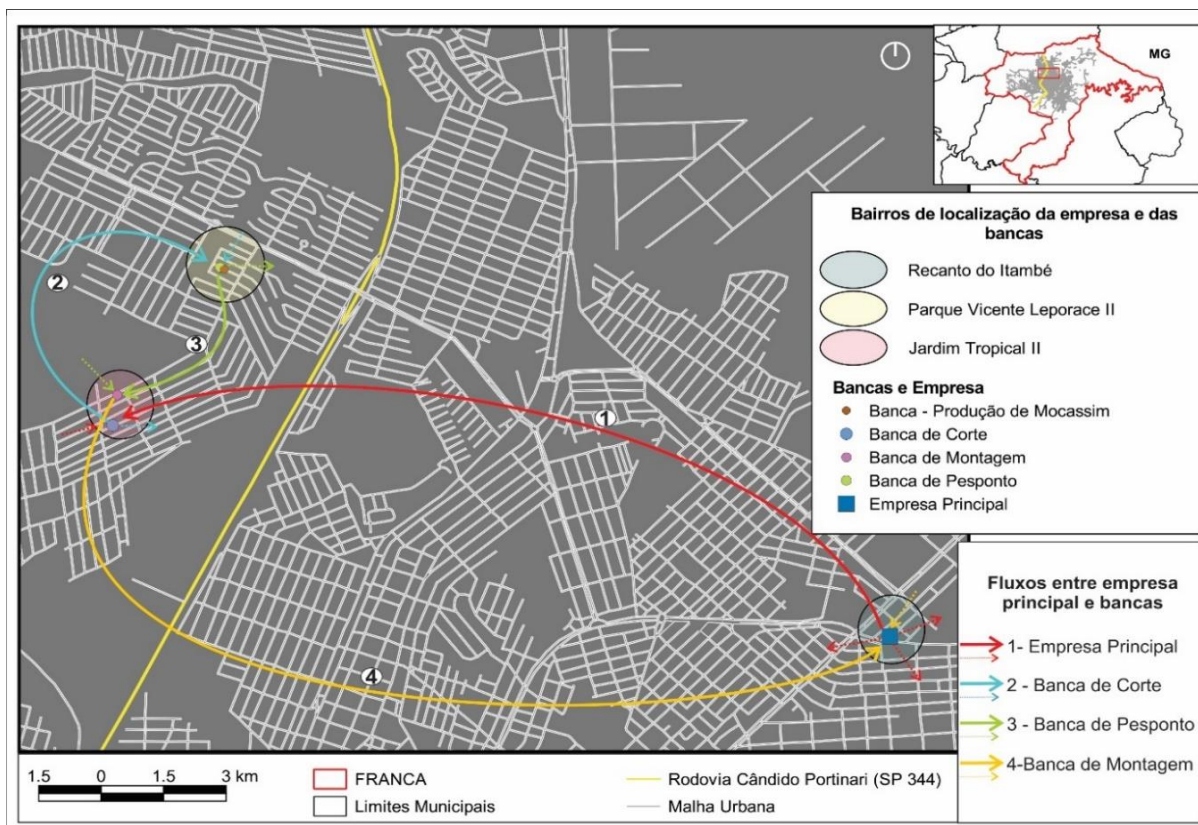
VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Fonte: SAMPAIO, José Eudázio Honório. Trabalho de Campo, 2017.

Primeiramente, a produção tem início na empresa principal, onde o modelo do calçado é pensado e elaborado. Em seguida, o modelo desenhado, é encaminhado às bancas de corte (1). Geralmente, cada empresa possui uma banca de corte, mas há possibilidade de haver subcontratação de inúmeras bancas, assim como, a própria banca pode ser prestadora de serviços para outras empresas, a depender do volume de produção. Após a produção da amostra, caso o calçado seja aprovado, ele é direcionado à produção.

No segundo momento (2), após a realização do corte de todos os pares, as partes do calçado são encaminhadas para bancas de pesponto. O número de bancas que realizam essa etapa da produção é bem maior do que o número de bancas de corte, por ser um trabalho mais demorado e por possuírem, estas bancas, poucos empregados, cada uma. No caso do nosso exemplo empírico, a banca de corte possui sete empregados e a banca de pesponto, apenas

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



três, incluindo o próprio dono. Também é comum a troca de serviço entre bancas de pesponto, assim como o repasse de trabalho em domicílio, quando estas não conseguem realizar todo o trabalho demandado a elas.

Após a realização do pesponto, o calçado é encaminhado (3) às bancas de montagem, que vão realizar a junção do calçado com o solado, culminando com o acabamento e o encaixotamento do calçado. As bancas de montagem geralmente concentram uma média de trabalhadores entre as bancas de corte e pesponto. Em nosso exemplo empírico, a banca de pesponto possui cinco funcionários, distribuídos em diversas tarefas, desde passar cola no solado, realizar a prensa e o molde do calçado na forma com o solado, realizar o acabamento, encaixotar e, por fim, encaminhar à empresa principal.

A última etapa da produção, após a montagem e o encaixotamento, é o direcionamento do produto à empresa principal (4) que irá comercializar o produto. É válido destacar que a logística de transporte do calçado é articulada pela empresa principal. Desta forma, as bancas, independentemente do seu porte, não têm autonomia produtiva e estão subordinadas às empresas maiores contratantes.

Isso ocorre por serem simples prestadoras de serviços, por passarem a receber pagamento por peça e por volume de trabalho demandado. Em alguns casos, a relação de contrato é apenas verbal, pois muitas dessas bancas são informais, podendo ser interrompido em qualquer momento, caso a empresa contratante ache necessário. Nesse caso, são precarizados até os pequenos empreendedores, reféns das negociações.

A situação é ainda pior, se tratarmos do trabalho domiciliar. Ele é feito por pessoas que levam a produção para casa e, portanto, estão presas aos ritmos e interesses das bancas e das empresas, ficando duplamente submetidos. É neste caso que o ambiente da produção se confunde com o ambiente da própria casa. Do nosso exemplo empírico, podemos destacar que das três bancas envolvidas na produção, apenas a banca de corte era formal.

As funções são realocizadas para espaços periféricos que necessitam de força de trabalho técnica e com formação intelectual menos avançada, traduzindo o problema enfrentado por muitas firmas, no que tange a adaptação à crise. A adaptação só acontece pela

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



multiplicação de pequenas empresas e pequenos estabelecimentos especializados, por serem mais fáceis de gerir, transformar e realocar.

4 Considerações

O processo de reestruturação produtiva e territorial, em curso desde o último quartel do século XX, age sobre os sistemas industriais localizados, impactando diretamente na organização produtiva, nas relações de trabalho e enfraquecendo-os mediante os ditames da globalização. Deste modo, o uso de estratégias flexíveis com mesclas de produção fordista, em produções localizadas e as novas economias de aglomerados, torna possível a utilização de círculos de qualidade implementados em linhas de produção estandardizadas, com um eficiente controle de estoques e de comercialização.

A indústria de calçados não esteve isenta destas mudanças, sobretudo por necessitar de uso intensivo força de trabalho. No caso de Franca, o fracionamento interno do sistema produtivo é reflexo dos problemas das firmas que procuram se adaptarem aos efeitos da crise, constituindo uma resposta essencial às novas exigências da flexibilidade. Destacamos, não só uma flexibilização interna dos estabelecimentos, mas a flexibilização externa, mediante a disjunção das atividades, em diversos níveis escalares, local, regional e nacional.

Sendo assim, a resistência desses aglomerados não é possível sem que os mesmos incorporem a disjunção funcional, a desintegração vertical e a integração horizontal. É por meio dessas dinâmicas que o SIL de Franca se mantém frente aos ditames globais e aos concorrentes internacionais, como a China. Assim, organiza sua produção buscando um equilíbrio entre externalização e integração de funções e de tarefas.

Essa nova organização da produção, localizada em bairros periféricos, ao articular todo o espaço urbano da cidade, a partir da diminuição de grandes e médios estabelecimentos, e o crescimento de pequenos e micro, possui papel importante na desregulamentação do trabalho e na crescente informalização do emprego, em que determinadas empresas passaram a produzir somente partes do calçado, ou subcontratar toda a produção, proporcionando o

<p>VI seminário CETROS CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL desafios para a classe trabalhadora</p>	
<p>22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE (Auditório Central - Campus do Itaperi)</p>	
<p>ISSN: 2446-8126</p>	

aumento de bancas (formais ou informais), do trabalho em domicílio e, por consequência, da precarização do trabalho.

Referências

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Londrina: Práxis, 2007. 288 p.

ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida Moraes (Orgs.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2004. p.13-27.

BRAGA FILHO, Hélio. A reorganização da indústria de calçados de Franca. **FACEF Pesquisa**, Franca, SP, v. 3, n. 2, p. 99-124, 2000.

BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego. **Base de dados estatísticos: RAIS/CAGED**. Brasília, 2016. Disponível em:< <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>>. Acesso em: 5 out. 2016.

FISHER, André. **Industrie et espace géographique** : introduction à la géographie industrielle. Paris: Masson, 1994. 137p.

LARA, Ricardo. O trabalho invisível em Franca - SP. In: CANÔAS, J. W. (Org.). **Nas pegadas do sapateiro**: 65 anos do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados. Franca, SP: UNESP, 2007. p. 233-327.

NAVARRO, Vera Lúcia. **Trabalho e trabalhadores do calçado**: a indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais à reestruturação produtiva. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 304p.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. A indústria de calçados no Brasil diante da reestruturação territorial e produtiva. In: SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **O novo mapa da indústria no início do século XXI**: diferentes paradigmas para leitura das dinâmicas territoriais do estado de São Paulo. São Paulo: Unesp Digital, 2015. p. 153–200.

_____. **Território e economia política**: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 478 p.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



REIS, José. Uma epistemologia do território. In: Instituto Superior de Economia e Gestão (Org.). **Ensaio de Homenagem a António Simões Lopes**. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão, 2006. p. 353-366.

_____. Estado, Mercado e Comunidade: A economia portuguesa e a governação contemporânea, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 70, p. 81-100, 2004. Disponível em: < <http://rccs.revues.org/1050>>. Acesso em: 12 jun, 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

SUZIGAN, Wilson *et al.* *Clusters* ou Sistemas Locais de Produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas. **Revista de Economia Política**, Porto Seguro, v. 24, n. 4, out./dez. 2004.